

## O louco e o mágico

Olhando de onde estou hoje, é curioso constatar como, em minha vida, fiz tudo que fiz seguindo sonhos e intuições, sem garantias, querendo apenas ser livre e aprendiz... Fui o andarilho vagabundo, que viveu de aventuras e imprevistos, errando por aí em meu orgulho juvenil, e dancei folgazão à beira dos abismos, bobo ridículo que não se dá conta do perigo.

Pensei muitas vezes em desistir dessa atração pelo desconhecido, sim, em desobedecer ao impulso misterioso que me impelia, e ser como os outros, e fingir que não sabia que a poesia sempre viria me salvar... Porém, nesses momentos, algo instintivo protestava dentro de mim, e lá seguia eu a abusar da boa sorte. Insensatez, ingenuidade ou ousadia, só sei que cheguei aqui, à minha própria verdade.

O Louco do tarô. Poizé. Durante minha vida, eu fui o Louco, eu mesmo o personagem das sincronicidades de minha jornada. Hoje, sessentão, esse arquétipo ainda rege minha vida. Talvez eu tenha aprendido a dosá-lo com um pouco de prudência e razão, e hoje seja menos idiota e egocêntrico. Talvez minha vida hoje seja menos instável e inconsequente, e eu saiba usar melhor minhas habilidades e consiga perceber as sincronicidades, além de vivê-las. Ainda Louco, mas já um pouco Mágico? É, talvez. Porém, o imprevisto ainda me guia e as flores dos abismos não perderam a beleza.

Ricardo Kelmer, em trecho do livro *Viajando na Maionese Astral* – memórias exóticas de um escritor sem a mínima vocação para salvar o mundo, (Miragem Editorial), 2020.